

A AVALIAÇÃO E A EAD NO CONTEXTO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Jane Aparecida Gonçalves de Souza
Universidade Católica de Petrópolis - Brasil
E-mail: cidijane@gmail.com

Trabalho de natureza teórica

Resumo: Esse artigo faz parte de um trabalho desenvolvido na disciplina Trabalho e Formação docente do programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis pretende de forma sucinta compreender questões que nos remetem a Avaliação educacional e a Educação a Distância. Concordamos com Kenski, 2010 que aluno bem integrado à EaD consegue ter um aprendizado satisfatório, apresentando melhores rendimentos nas avaliações. Essas avaliações são um dos principais instrumentos de acompanhamento da aprendizagem, sendo possível analisar o desempenho de cada aluno e perceber suas dificuldades. As estratégias avaliativas devem se beneficiar das funcionalidades dos ambientes virtuais e das especificidades dos alunos.

Palavras-chave: Avaliação educacional. Educação a distância. Políticas educacionais.

A questão da avaliação educacional vem sendo discutida, de forma sistemática, em diversos encontros, fóruns, debates, congressos etc., e apresentam vários pontos onde ela pode e deve ser analisada. A avaliação é assim definida como um processo contínuo formativo, na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno.

Uma educação para o desenvolvimento não é tarefa fácil de se construir numa realidade complexa, como é a brasileira. A vasta dimensão territorial do país e suas peculiaridades regionais colocam o desafio adicional de pensar a educação num contexto profundamente marcado por desníveis.

Neste contexto em poucos anos a EAD tornou-se realidade no cenário do ensino superior. A busca por um padrão de qualidade é algo que vem sendo pesquisado na tentativa de se oferecer uma escola de qualidade para todos. É tentador, nesse contexto, importar e aplicar modelos bem sucedidos em outras realidades. Entretanto, a imposição e a preservação de modelos culturais importados, não permitem a possibilidade da criação e inovação. O transplante desses modelos acaba por transformar a escola numa instituição ritualista.



A EaD surge como uma ameaça a provocar uma mudança cultural de grande impacto, envolvendo diferentes graus de resistência e adesão a ela (KENSKI, 2010). Esta modalidade de ensino tem como um dos fins a formação de um conhecimento construído independente de tempo e espaço e de acordo com Behar (2009) veio para auxiliar na resolução de alguns dos problemas da educação brasileira.

De acordo com Souza e Rocha (2010), a educação a distância deve ser compreendida como uma atividade pedagógica caracterizada por um processo de ensino aprendizagem realizado com mediação docente e utilização de recursos didáticos sistematicamente organizados. Tais recursos são apresentados em diferentes suportes tecnológicos de informação e comunicação, os quais podem ser utilizados isolada ou combinadamente, sem a frequência presencial de alunos e professores, nos termos do art. 47, parágrafo 3º, da LDB.

As sociedades modernas dedicam grande parte de seus recursos à manutenção e ao desenvolvimento da educação. Nelas, as pessoas que possuem níveis mais elevados de educação, geralmente, encontram-se desfrutando de níveis mais elevados de renda, de saúde e de conscientização política. Tomadas em conjunto, essas condições podem levar as pessoas à crença de que a educação é algo necessário para a melhoria do padrão de vida.

No processo educacional, quando falamos em avaliação, podemos identificar três tipos: (i) avaliação da aprendizagem, que envolve os mecanismos de conhecimento do processo de ensino-aprendizagem, para posterior tomada de decisão quanto aos resultados encontrados; (ii) avaliação sistêmica ou educacional, relacionada às questões das políticas públicas em educação; e (iii) avaliação institucional, que diz respeito à avaliação de uma instituição em si, tanto dos aspectos inerentes, como nas redes de relações externas com a própria aprendizagem.

Ao estudar a avaliação, observamos que a palavra avaliar vem do latim *a + valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Portanto, avaliar é atribuir um juízo de valor sobre a propriedade de um processo para a



aferição da qualidade do seu resultado, porém a compreensão da avaliação do processo ensino/aprendizagem tem sido pautada pela lógica da mensuração, isto é, associa-se o ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Avaliação é um termo geral que diz respeito a um conjunto de ações voltadas para o estudo sistemático de um fenômeno, uma situação, um processo, um evento, uma pessoa, visando a emitir um juízo valorativo.

Segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio (1986), avaliar significa: “*determinar o valor ou valia de; apreciar o merecimento de; reconhecer a força de; fazer idéia de; estimar; ajuizar; calcular*”. Nesse sentido, podemos afirmar que a avaliação supõe uma coleta de dados e informações através de diferentes instrumentos de verificação, para saber se os objetivos foram atingidos ou não. O elemento chave da definição de avaliação implica julgamento, apreciação, valoração, e qualquer ato que implique em julgar, valorar, requer que quem o pratica tenha uma norma ou padrão que permita atribuir um dos valores possíveis a essa realidade.

Como afirmamos, anteriormente, dentro do processo educacional identificamos três tipos de avaliação: a de aprendizagem, a sistêmica e a institucional. Na avaliação da aprendizagem, ainda que avaliar implique alguma espécie de medição, a avaliação é muito mais ampla que a medição ou qualificação, ela não é um processo parcial nem linear. Canen (2001) afirma que esta consiste em um julgamento de valor, a partir de critérios (definidos antes ou concomitantemente ao processo) visando já à tomada de decisão. Por isso não há avaliação neutra, todos os modelos avaliativos devem ter critérios claros. No caso da avaliação de aprendizagem, ela deve estar clara no Projeto Político Pedagógico (PPP), pois é nele que a escola apresenta sua identidade. É bom lembrar que, quando avaliamos os alunos, estamos avaliando também os professores e, como ela implica um julgamento de valor, filosofias e políticas, como consequência, deverá existir algum tipo de intervenção, alguma ação concreta.

Quanto à avaliação sistêmica, segundo Dalben (2005, p. 85)

É uma modalidade de avaliação, em larga escala, desenvolvida no âmbito de sistemas de ensino com vistas a, especialmente, subsidiar políticas públicas na área educacional. Constitui-se num mecanismo privilegiado, capaz de fornecer informações sobre processos e resultados dos sistemas de ensino às instâncias encarregadas de formular e tomar decisões políticas na área da educação. É uma estratégia que pode influenciar a qualidade das experiências educativas e a eficiência dos sistemas, evitando que se façam investimentos públicos de maneira intuitiva, desarticulada ou insuficiente para atender às necessidades educacionais (DALBEN, 2005, p. 85).

Acreditamos que, também nessa modalidade de avaliação, a neutralidade não existe, e esta deve ter critérios claros, bem definidos nos seus programas.

A avaliação sistêmica se difere da avaliação da aprendizagem, pois enquanto a segunda limita-se a avaliar o processo de ensino aprendizagem do aluno, como já vimos, a sistêmica refere-se à avaliação das instituições, avaliação de políticas públicas, esta avaliação deve abranger a escola como um todo.

Quanto à avaliação institucional, em 2006 Amaral, Fonseca e Oliveira afirmavam que na década de 1980 ela se estendeu por diversos países em desenvolvimento. Em 1990 o Brasil definiu um conjunto de mudanças para gerar o que na época foi chamado de Reforma do Estado, com a intencionalidade de imprimir eficiência no setor público. Neste sentido a avaliação externa significou *um instrumento para garantir a capacidade do Estado de implementar de forma eficiente a políticas públicas descentralizadoras*. (Brasil. Mare,1995), mas cabe ressaltar que uma avaliação que abranja toda a rede de ensino poderá fornecer dados para que toda instituição tenha instrumentos para sua avaliação.

Voltemos nossa atenção, neste momento na EAD. Como pensar numa avaliação que de fato possa fornecer informações sobre os processos e resultados dos seus ensinos? De acordo com Alonso (In: PRETI, 2005, p. 164), os pressupostos das propostas dos sistemas presenciais ou a distância são basicamente os mesmos, ambos podem apresentar caráter inatista, empirista ou interacionista, dependendo dos princípios estabelecidos no projeto



educacional. Porém, a EaD apresenta alguns problemas que lhes são específicos, “[...] elementos como o acompanhamento sistemático dos alunos, a disponibilização de meios, o apoio institucional aos estudantes, dentre outros, incide, fortemente, na permanência do público que se utiliza da EaD”. Desta forma, a educação a distância antes de preocupar-se com a quantidade (educação de massa), deve priorizar a qualidade do ensino em questão.

O conceito de avaliação não pode ser pensado de forma separada de uma visão de educação. Canen (2005) discute a avaliação em uma perspectiva de democratização da escola e transformação do fracasso escolar. Neste sentido, ela percebe a avaliação como responsável (não única) pelo insucesso escolar. Para reverter esta realidade a autora acredita ser possível trabalhar a avaliação numa perspectiva transformadora, e é na formação dos professores que ocorre este momento de discussão e mudanças de paradigmas.

De acordo com Kenski (2010, p. 67):

O processo avaliativo, envolvendo atividades presenciais e a distância, não pode ser um aspecto apartado do acompanhamento global dos alunos. A integração entre objetivos, conteúdos, atividades, tecnologias e pessoas envolvidas no processo educativo deve fluir como um movimento que possibilite a aprendizagem e o alcance de resultados positivos, que faça de cada participante não apenas alguém que sabe, mas mais um cidadão que sabe conviver em diferentes culturas educacionais.

Hoje sabemos que o Estado tem adotado a política de monitoramento e credenciamento produzindo indicadores a respeito da qualidade da educação.

A referência a esse movimento de redefinição do papel do Estado, que se realiza em âmbito mundial, é importante, não para aceitá-lo como algo inexorável mas para possibilitar-nos a explicitação de princípios que têm norteado as iniciativas de avaliação educacional, no Brasil, e que, como já assinalamos, ocupam papel central nas políticas educacionais brasileiras. Se tradicionalmente o foco privilegiado era a avaliação da aprendizagem, hoje observamos propostas e práticas que, para além da avaliação do aluno, volta-se para a avaliação do desempenho docente, avaliação de curso, avaliação institucional, avaliação do sistema educacional. Além da diversidade de focos para os quais a avaliação está

direcionada, registra-se, também, que tais propostas e práticas abrangem os diversos níveis de ensino – da educação básica ao ensino superior, com especificidades para a graduação e a pós-graduação (SOUSA, 2003, p.179).

Com a globalização e as tecnologias voltadas para a educação, a EAD se apresenta como uma modalidade de educação que propiciará o ensino a todos, independentemente da distância geográfica ou temporal do aluno, podemos afirmar que a característica relevante na EAD é o ensino-aprendizagem mediado por tecnologias. Outra questão que consideramos importante é o uso do termo educação ao invés de ensino, porque ensino dá ideia de ênfase no professor.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 valoriza a qualificação dos profissionais e destaca a possibilidade de capacitação em serviço, utilizando, para isso, os recursos da educação a distância. Nos termos do art. 47, § 3º

A educação a distância deve ser compreendida como a atividade pedagógica que é caracterizada por um processo de ensino-aprendizagem realizado com mediação docente e a utilização de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes tecnológicos de informação e comunicação, os quais podem ser utilizados de forma isolada ou combinadamente, sem a frequência obrigatória de alunos e professores.

Diversos autores já definiram a EAD, alguns negativamente, outros positivamente, assim podemos afirmar que é um conceito que ainda está em construção. Moran (2001) afirma que:

EAD é o processo de ensino aprendizagem mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Apesar de não estarem juntos, de maneira presencial, eles podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes (MORAN, 2001).

Otto Peters (1983) define a EAD como um método de transmitir conhecimentos, habilidades e atitudes, mediante a aplicação da divisão do



trabalho e de princípios organizacionais (racionalização da EAD), assim como o uso extensivo de meios técnicos, com objetivo de reproduzir material de ensino de alta qualidade, o que torna possível instruir um grande número de alunos ao mesmo tempo e onde quer que vivam. É uma forma industrial de ensinar e aprender.

Discussões sobre a EaD na perspectiva de Paulo Freire levam a uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem onde o educador, deve também assumir-se como sujeito da produção do saber, percebendo que ensinar não é transferir conhecimento, mas favorecer possibilidades para a sua produção (Freire, 1996). De acordo com Jannuzzi (1979) a educação deve ser compreendida como um processo contínuo, já que esta estará sempre em discussões que darão origem a novas reflexões. Vivemos um período de grandes transformações, o que requer novas posturas e soluções diferenciadas para problemas já conhecidos. Pierre Lévy (2001) chama a atenção para o fato de termos de olhar para a realidade do mundo atual com pensamentos reflexivos para o que será o amanhã. Em relação a educação propriamente dita Rodrigues (2005) ressalta que foram necessários mais de vinte séculos para que a humanidade amadurecesse a ponto de compreender o que seria o processo do aprendizado.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 1):

Como seria possível agora - em uma fração irrisória de tempo – abandonar os velhos padrões construídos ao longo deste tempo? Mas o que sabemos é que aos poucos e, juntos estamos alcançando muitas vitórias.

Ainda na perspectiva de Paulo Freire (1996) é importante ressaltar que o processo educativo também exige uma rigorosidade metódica, onde os estudantes devem ser estimulados a aprender criticamente, assim estes devem se transformar em sujeitos da construção e da reconstrução do saber, tendo condições para ensinar como educadores, de fato. Segundo Freire (1996):

“E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p.14).

Para Kenski (2010), “é impossível pensar no processo de avaliação e acompanhamento da aprendizagem sem pensar nos momentos iniciais do desenvolvimento e produção dos cursos e disciplinas online”. A grande diversidade de projetos educacionais diferenciados a serem desenvolvidos online se mostra nos novos recursos de interação, redes sociais, maior velocidade de acesso. Assim se iniciam os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem, a partir da definição dos projetos educacionais, dos objetivos e expectativas em relação ao aluno.

A preocupação deve ir além do acompanhamento e da avaliação da aprendizagem. É preciso cuidado na seleção dos conteúdos, nos materiais desenvolvidos, com os professores e tutores, pois um desses fatores pode levar a aprendizagem ao fracasso (Kenski, 2010). Ainda de acordo com Kenski (2010), a preparação do primeiro momento de ingresso dos alunos no ambiente virtual é fundamental e:

Antes de tudo, a cultura das salas online precisa ser compreendida e incorporada por todos esses novos habitantes do ciberespaço escolar. Quando as tecnologias e as formas de convivência online estiverem sob controle, o aluno terá melhores condições para se dedicar aos estudos e interações didáticas de modo a aprender. O acompanhamento dos alunos nesse momento, a análise de suas dúvidas e dificuldades, a avaliação da eficácia dos procedimentos didáticos planejados para essa fase devem ser alvo de atenção de toda a equipe. Isso pode garantir a qualidade e o sucesso das ações ensino-aprendizagem futuras desses alunos (KENSKI, 2010, p. 62).

Segundo Gadotti (2000) a cultura de utilização do papel talvez seja o maior entrave ao acesso aos recursos tecnológicos como a utilização intensiva da internet, um exemplo disso pode ser observado no caso dos jovens, que por não terem internalizado esta cultura, mostram-se mais adaptados a utilização destes recursos do que os adultos. Segundo este autor para que se tenha a informatização da educação é preciso que aconteçam grandes mudanças nos

métodos tradicionais de ensino, de forma a promover a capacidade de pensamento ao invés de desenvolver apenas a memorização. A escola deve ter a função de estimular o pensamento crítico, sendo assim necessário o conhecimento e a compreensão de mais metodologias e linguagens, onde se insere também a linguagem eletrônica.

O desempenho nos ambientes virtuais depende da ambientação aos novos padrões dos projetos pedagógicos. Muitas instituições já desenvolvem programas de apoio antes do início do curso. É fundamental que logo no início o aluno construa “pontes de interação” para a criação de laços emocionais que irão refletir positivamente no processo de aprendizagem. O desenvolvimento de atividades que situarão o aluno deve ser o primeiro momento educacional de qualquer curso (KENSKI, 2010).

Peters (2001) aponta que a EaD tem grande flexibilidade e potencial de mudanças. Portanto, não há como definir critérios e condições rígidas de avaliação, quando se pode oferecer novas condições de aprendizagem.

Sabe-se que no ensino a distância, a interação entre aluno/professor acontece de maneira indireta no espaço e no tempo, o que torna o processo ensino/aprendizagem mais complexo. Porém, os sistemas se mostram bastante abertos em termos de espaço e os problemas gerados por essa separação espacial podem ser resolvidos através de sistemas de comunicação pessoal simultâneos entre alunos, tutores e professores (Belloni, 1999).

Para Kenski (2010, p. 64):

Disciplina, organização, cumprimento de prazos, responsabilidade pessoal, participação ativa e interação são requisitos exigidos aos estudantes de cursos a distância. A maioria dessas habilidades e atitudes não é requerida dos estudantes nos cursos face a face.

O estudante de EaD pode estudar em qualquer local, seja em casa, no trabalho ou na praia. Porém, quando se trata do tempo, há uma grande rigidez e flexibilidade quanto aos prazos para entrega das avaliações, o que é ainda revelador de um enfoque de controle concebido a partir da sala de aula convencional (WALKER, 1993). Assim, o aluno passa a ter um alto grau de

autonomia quanto ao lugar de seus estudos, mas uma grande ausência de autonomia em relação a prazos e escolha de currículos ou meios (Belloni, 1999).

No ensino convencional, o aluno muitas vezes não possui tantas atividades a serem desenvolvidas, quando comparado com o estudante de EaD. Os prazos são mais flexíveis, o que pode tornar o estudo menos contínuo. Já o aluno de EaD geralmente apresenta uma rotina de estudos maiores, em função das muitas avaliações e prazos apertados.

O aluno, independente de qual modalidade de ensino escolheu, presencial ou à distância, deve ter em mente que as atividades e o estudo além das aulas, devem ser contínuos. O aprendizado a distância depende da dedicação, disciplina, vontade de aprender e de superar dificuldades e do comprometimento de cada um, independente da modalidade de ensino. No ensino à distância, principalmente, o aprendente¹ necessita de certa independência para conseguir criar uma aprendizagem autônoma, madura o suficiente para atender de maneira ampla aos objetivos do curso a que se comprometeu a ingressar.

O aluno bem integrado à EaD consegue ter um aprendizado satisfatório, apresentando melhores rendimentos nas avaliações. Essas avaliações são um dos principais instrumentos de acompanhamento da aprendizagem, sendo possível analisar o desempenho de cada aluno e perceber suas dificuldades. As estratégias avaliativas devem se beneficiar das funcionalidades dos ambientes virtuais e das especificidades dos alunos (Kenski, 2010). O acompanhamento do processo de aprendizagem pode apresentar como instrumentos os registros qualitativos e suas estatísticas sobre os acessos a cada ferramenta do ambiente computacional (Luckesi, 1997). Desta maneira, o professor consegue identificar dificuldades, orientações mais adequadas e pode promover adaptações nas estratégias didáticas, podendo modificar o ritmo do tempo, o rumo e as metodologias (Almeida, 2010).

¹ Esse termo é utilizado por Belloni (1999), quando a autora discute aprendizagem autônoma, como e quem é o estudante do futuro, ela afirma que aprendizagem autônoma é um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente “aluno” (grifo nosso). O professor deve assumir-se como recurso do aprendente.



A atuação do professor em EaD exige novos saberes, mas devemos lembrar que o fato de conhecer bem as ferramentas e tecnologias não significa sucesso, o professor precisa entender sobre os efeitos dessa tecnologia, é claro que a internet modificou o ensino e a pesquisa, hoje encontramos quase tudo na rede, mas assimilar e filtrar essas informações em massa é um trabalho que o professor deverá estar atento, temos que alterar nossa posição diante dos avanços tecnológicos e refletir sobre que concepção de educação estamos oferecendo.

Quando pensamos em EaD de acordo com Otto Peters (1983) pensamos em um método de transmitir conhecimentos habilidades e atitudes, em uma forma industrial de ensinar e aprender. Aqui entramos numa discussão interessante sobre informação e conhecimento. Sabemos que conhecimento é o resultado de uma atividade da mente humana, o conhecimento não é transmissível e sim construído enquanto a informação é transmissível.

Segundo Peters (1983) podemos compreender a EaD como um processo de aprendizagem que centra na relação sujeito que aprende sujeito que ensina, o aprendente tem características de autonomia relativa e geri sua formação, isso em interação com professores, tutores e recursos didáticos.

Considerações finais

Para se construir uma EaD de qualidade, não basta apenas termos uma equipe de tutores capacitados, uma plataforma eficiente (Web) e material didático rico em informações.

Existe uma outra categoria que é primordial para um curso a distância de qualidade: a avaliação, e também necessitamos que os alunos busquem a autonomia, desenvolvam habilidades de estudo individualizado e em grupo, troquem experiências e conhecimentos em atividades de grupo e utilizem as novas tecnologias de comunicação e informação.

Na medida em que vamos compartilhando e trocando experiências, captamos formas diferenciadas de fazer intervenções. É um aprendizado contínuo. Por isso, é fundamental unirmos forças para combater os obstáculos.



Assim, entre tentativas, erros e acertos vamos descobrindo caminhos. Observamos no final deste trabalho que o professor em EaD deve estar apto a lidar com um novo tipo de estudante (autônomo), e também estar aberto para um trabalho em parceria buscando a construção do conhecimento numa via de mão dupla. Por fim, podemos afirmar que ainda a um longo caminho a ser trilhado nesta construção coletiva do conhecimento (professor /tutor) na transformação da educação brasileira.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Currículo, avaliação e acompanhamento na Educação a Distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (eds.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 89-104.

ALONSO, K. M. A avaliação e a avaliação na educação a distância: algumas notas para reflexão. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a Distância: sobre discursos e práticas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. p. 153-169.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. 1. ed. Artmed, 2009.

BRASIL/MARE. Plano Diretor da Reforma do Estado. Brasília: **Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado**, 1995.

CANEN, A. **Avaliação da aprendizagem em sociedades multiculturais**. Rio de Janeiro: Editora Papel Virtual, 2001.

CANEN, A. **Organizações Multiculturais: logística na corporação globalizada**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

DALBEN, A. I. L. F. **Conselhos de Classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KENSKI, V. M. Avaliação e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais, a distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (eds.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 59-68.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JANNUZZI, G. M. **Confronto Pedagógico: Paulo Freire e Mobral**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MORAN, J. **O que é educação a distância**. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm

PETERS, O. **Didática do ensino a distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

PETERS, O. Distance Teaching and Industrial Production: A Comparative Interpretation in Outline, in SEWART, D. e alii (eds.), **Distance Education: International Perspectives**. Londres/ Nova Iorque: Croomhelm/St. Martin.S, 1983.

OLIVEIRA, J. S.; FONSECA, M.; AMARAL, M. M. C. Avaliação, desenvolvimento institucional e qualidade do trabalho acadêmico. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, jul./dez. 2006.

RODRIGUEZ, I. Teoria x EaD x Tempos Velozes. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, jan. 2005.

SOUZA, S. M. Zakia. Possíveis impactos das políticas de avaliação no currículo escolar. **Cadernos de Pesquisa**. [online], n.119, p. 175-190. 2003.

SOUZA, J. A. G.; ROCHA, M. B. M. Curso de Pedagogia para as séries iniciais FAGED/UFJF: resgatando sua história. In: BRUNO, A. R.; BORGES, E. M. SILVA, L. S. P. **Tem professor na rede**. Juiz de Fora: UFJF, 2010, 135p.

WALKER, R. Open learning and the media: transformation of education in times of change. In: EVANS, T.; NATION, D. **Reforming open and distance education**. London: Koogan/Page, 1993.